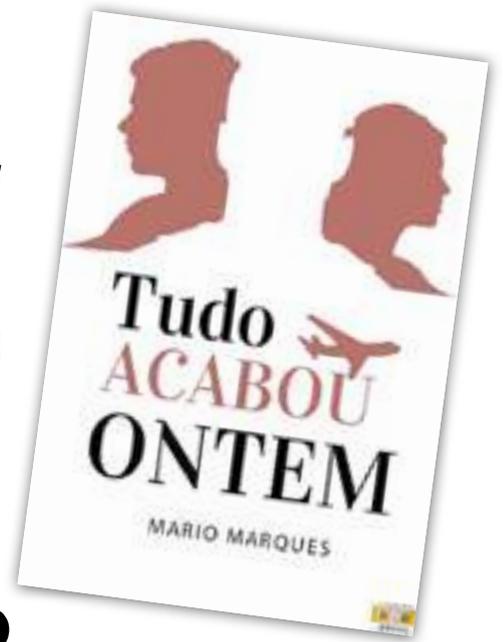


ENTREVISTA / MARIO MARQUES, ESCRITOR, CRÍTICO MUSICAL E EMPRESÁRIO

# ‘Uma geração inteira assistiu ao século 20 terminar sem aviso prévio’



Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

**E**mbora “Sunday Blood Sunday”, “Seconds” e “New Year’s Day” abram a playlist que embala as páginas de “Tudo Acabou Ontem”, fazendo do U2 o filé de seu banquete, o cardápio musical do primeiro romance de Mario Marques tem faixas de Echo & The Bunnymen, The Police, Rush, Queen e “Let’s Dance”, de David Bowie. São canções que se trançam a memórias juvenis do crítico musical, publicitário e bamba do marketing político. O ponto de partida é sua Nova Iguaçu de berço. Formado ainda criança por um radinho de pilha, MM cresceu no jornalismo cultural como um dos mais ferinos (e, por isso mesmo, autênticos) resenhistas que a indústria fonográfica conheceu na imprensa brasileira. Depois de onze livros que passam por eleições (“Voto do Futuro”), comportamento social (o delicioso “Como Identificar E Lidar Com Um Mau-Caráter”) e pela MPB (“Guinga: O Compositor Que Perpetua O Tempo”), ele agora atraca seu encouraçado na prosa literária, revivendo seu passado com um lirismo que dói. “É o meu livro mais ambicioso e desafiador, mas venho escrevendo na vida desde os 14 anos”, diz Marques, formado em Comunicação Social pela Gama Filho, com passagem por redações como as de O Globo e do Caderno B do Jornal do Brasil.

Criador de duas revistas de música (“Clava do Som” e “Laboratório Pop”), MM passou por agências de marketing, estudando retórica, especializando-se em pesquisa e dominando as estratégias que levam um candidato à vitória. Nessa andança, manteve o apreço pela artesanaria melódica (e pelo U2) consigo e arriscou emprestar palavras às emoções que experimentou ao longo de seus 55 anos. “Tudo Acabou Ontem”, que sai pela Editora Laboratório Pop Books, é o fruto mais tocante desse palavreado que jorrou, no papel, como um descarrego.

Nesta quinta, ele vai estar no restaurante Hollandaise, na Barra da Tijuca (Av. Lucio Costa, 5750), para autografar sua criação. Na

mesma data, o romance também será lançado online mundialmente, para venda via Amazon, em 10 idiomas.

Seu texto transporta nossa imaginação para 1982, uma época de amores puros e impossíveis, contrastando com as relações líquidas e voláteis do presente. Segundo MM, trata-se de “um filme escrito”. Sua trama se trifurca entre três cidades — Nova York, Kansas City e a já citada Nova Iguaçu — numa triagem da perda, não apenas da pessoa amada, mas da própria experiência amorosa. Através de cartas não enviadas, músicas marcantes e lembranças persistentes, o livro questiona o que acontece com os amores que não podem ser vividos.

Em Nova York, vive Paddy. Funcionário

da Tower Records, tímido, quase invisível, ele descobre nas fitas cassete um modo de tocar o coração de alguém que jamais ousou encarar de frente. Essa mulher é Cora, assistente de uma designer, exilada do frio canadense e apaixonada por música.

Em Kansas City, o protagonista é Geddy. Solitário, deslocado, o garoto ouve rádio como quem ouve um oráculo. Descobre o U2 antes de todo mundo. A partir dali, constrói sua própria mitologia da coragem.

Em Nova Iguaçu, quem conduz a trama é Franco. Adolescente de classe média, curioso e entediado, ele mora numa rua íngreme de onde vê o morro e o mundo. Um dia, vê também Evie, mulher mais velha, casada com Douglas, um comissário de bordo que vive entre viagens e negócios escusos. Evie não fala muito, mas olha, e Franco, sem saber o porquê, passa a viver para vê-la. O flerte cresce, o desejo toma forma, e o encontro acontece. Eles ouvem U2, jogam Atari, dançam sozinhos na sala. Até que Douglas chega. Bêbado, paranoico, armado. O amor, que mal começara, vira tragédia.

A escolha dos anos 1980 como cenário é uma declaração de princípios, onde a ausência de tecnologias modernas permite que os personagens vivam intensamente, ainda que em meio ao vazio ou à tragédia. A discografia do U2, serve como um fio condutor essencial, moldando as emoções e decisões dos personagens.

Na entrevista a seguir, MM dimensiona essa jornada memorial.

**De que maneira a prosa literária - sobretudo uma tão confessional - dá vazão às suas angústias pessoais e geracionais e o quanto, conscientemente, emprega ferramentas da sua relação profissional com o jornalismo?**

**Mario Marques:** Relancei o portal de rock Laboratório Pop para não perder de vista a música, mas me especializei em ler cenários eleitorais. Esse é o meu foco hoje. A prosa confessional, para mim, é quase uma pulsação descontrolada. Ela escapa, às vezes, sem que eu tenha domínio completo, mas ao mesmo tempo exige estrutura — é um caos com rigor. Escrevi “Tudo Acabou Ontem” com essa necessidade visceral de capturar dores que são minhas, mas que percebo ecoarem numa geração inteira que assistiu ao século 20 terminar sem aviso prévio. A angústia geracional vem da consciência de que vivemos uma transição de mundo: entre o analógico e o digital, entre a possibilidade do amor romântico e a sua atual precarização afetiva. Como jornalista, fui treinado a observar, a cortar excessos, a dar ritmo e precisão à palavra. Isso me ajudou enormemente na composição do romance, porque sei onde há gordura, onde falta silêncio. A disciplina da escuta — tão central no jornalismo e na crítica musical — também me fez um autor atento aos sons por trás da fala dos personagens.

**O crítico de música que você é se posiciona como ali?**

O crítico de música que há em mim apa-